

Construções reflexiva, recíproca e média de clítico nulo no português brasileiro: reconceptualização de eventos e emergência de uma nova construção

Augusto Soares da Silva

assilva@ucp.pt

Universidade Católica Portuguesa, CEFH (Portugal)

Susana Afonso

s.p.c.afonso@exeter.ac.uk

University of Exeter (England)

ABSTRACT.

Portuguese *se* constructions, posited in the transitive continuum, have a constructional counterpart in which the clitic is absent. The null clitic construction, observed in all the *se* constructions (i.e. reflexive, reciprocal, middle, anticausative, passive and impersonal) is more frequently used in Brazilian Portuguese (BP) than in European Portuguese (EP). The phenomenon has largely been studied from a morphosyntactic lens or as a result of an ongoing deletion of clitics in BP, shying away from the possible implications in terms of the semantic differentiation between overt and null *se* constructions. This chapter focuses on reflexive, reciprocal and middle *se* constructions and aims to investigate what factors determine the choice between overt *se* constructions and their null counterpart. Based on an extensive usage-feature and profile-based analysis, and using multivariate statistical methods, we show that reflexive, reciprocal and middle null *se* constructions are associated with a reconceptualization of an event as non-energetic or absolute, profiling the result of the event. On the other hand, the overt counterpart profiles the moment of change, construing the event as energetic. Reflexive and reciprocal constructions are more frequently encoded by an overt *se* construction whereas middle construction (in all its subcategories) is more frequently encoded by the null *se* construction. The study concludes that null reflexive, reciprocal and middle *se* constructions are new constructions semantically differentiated from overt *se* constructions, which, we argue, has wider implications, namely for reconceptualization of voice patterns in BP which tend towards ergativization.

KEY-WORDS.

reflexive/reciprocal construction; middle construction; null clitic; absolute construction; Cognitive Grammar; Brazilian Portuguese.

RESUMO.

As construções de *se* em português distribuem-se por um contínuo de transitividade e apresentam uma alternativa construcional caracterizada pela ausência do clítico. A construção

de clítico nulo, presente em todas as construções de se (reflexiva, recíproca, média, anticausativa, passiva e impessoal), é mais frequentemente usada no português brasileiro (PB) do que no português europeu (PE). As construções de clítico nulo têm sido estudadas de um ponto de vista essencialmente morfossintático, como resultado de uma mudança em curso no PB de perda generalizada dos clíticos, desconsiderando as possíveis implicações de diferenciação semântica entre construções de se explícito e construções de se nulo. Este estudo ocupa-se das construções de se reflexiva, recíproca e média no PB e pretende identificar os fatores que determinam a escolha entre presença e ausência do clítico nestas construções. Com base numa análise qualitativa detalhada de traços de uso e de perfis e utilizando métodos quantitativos multivariados, mostramos que as construções reflexiva, recíproca e média de se nulo estão associadas a uma reconceptualização do evento como não energético ou absoluto, focalizando o resultado desse evento. Em contrapartida, a alternativa construcional com o clítico explícito focaliza o momento crucial da mudança, exprimindo assim o padrão mais esperado de conceptualização do evento como energético. Os eventos reflexivos e recíprocos são mais frequentemente codificados pela construção de se explícito, ao passo que o evento médio, em todas as suas subcategorias, é mais frequentemente codificado pela construção de clítico nulo. Evidencia-se assim que as construções reflexiva, recíproca e média de se nulo constituem novas construções semanticamente diferenciadas das construções de se explícito. Analisamos, na parte final deste estudo, as implicações deste resultado para a gramática do PB, designadamente a reconceptualização dos padrões de voz no PB e a sua tendência para a ergativização.

PALAVRAS-CHAVE.

Construção reflexiva/recíproca; construção média; clítico nulo; construção absoluta; Gramática Cognitiva; Português Brasileiro

1. Introdução

O português possui uma rede polissémica de construções com o clítico se, designadamente as construções reflexiva, recíproca, média (pouco reconhecida nas gramáticas do português), anticausativa, passiva e impessoal. As construções de se têm uma variante formalmente caracterizada pela ausência do clítico e mais frequentemente usada no registo informal. Esta variante construcional, que podemos designar como construções de se nulo, é bastante mais frequente e produtiva no português brasileiro (PB) do que no português europeu (PE) e é também no PB que o apagamento do clítico se observa na fala e na escrita de falantes de diferentes graus de escolaridade e de diferentes regiões e em todas as construções de se (e.g. Nunes 1995, Galves 2001). O apagamento do clítico no PE é mais restringido, ocorrendo

principalmente nas construções anticausativas e somente com certos verbos de alternância anticausativa.

As construções de clítico nulo do PB têm sido geralmente descritas como resultado de uma mudança em curso no PB de perda generalizada dos clíticos (Galves 2001, Cyrino 2007, Carvalho 2016). Mesmo reconhecendo que a ausência do clítico determina mudanças construcionais, estes estudos interpretam a presença e a ausência do clítico em termos essencialmente morfossintáticos.

Negrão & Viotti (2008, 2011, 2015) são dos poucos autores que apontam para a necessidade de reconhecer que a presença ou a ausência do clítico nas construções anticausativas do PB é determinada por fatores semânticos. As autoras associam as construções de se nulo à emergência de outras estratégias de impessoalização no PB e à tendência do PB para a ergativização por influência do Kimbundu, língua falada em Angola. A hipótese da ergativização é defendida também por Bagno (2012: 585-586) em relação às construções média e anticausativa de clítico nulo. Pereira (2007) indica fatores semânticos, pragmáticos e sociais para explicar a presença/ausência do clítico no registo informal do falar de São Paulo, argumentando que o clítico tende a manter-se quando realiza as funções semânticas de reflexivo, recíproco e médio (de emoção) e as funções discursivas de tópico e informação nova.

Este estudo pretende mostrar que as construções de clítico nulo configuram uma reconceptualização do evento sob uma perspetiva conceptual diferente das construções de clítico explícito, sendo tanto aquelas como estas determinadas por fatores que vão para além dos fatores morfossintáticos. A presente investigação retoma e desenvolve para as construções reflexiva e média o estudo de Silva *et al.* (2021), aplicado à variação entre clítico explícito e clítico nulo em todas as construções de se em PB e PE. Os objetivos principais do estudo são investigar (i) que fatores determinam a escolha das construções reflexiva e média de clítico nulo em relação às correspondentes construções de clítico explícito e (ii) se essas construções de clítico nulo configuram novas construções, conceptualmente diferenciadas das construções alternativas de clítico explícito. O estudo faz parte de uma investigação sociocognitiva e letométrica mais vasta sobre variação construcional do português como língua pluricêntrica,

considerando-se a variação expressa em diversas construções gramaticais como indicador de divergência entre PB e PE e como parte do projeto CONDIV (e.g. Silva 2014, 2016, 2018, 2020).

Desenvolvendo uma análise qualitativa multifatorial de traços semânticos, sintáticos e pragmáticos de dados de um corpus do registo informal do PB e utilizando métodos estatísticos multivariados, determinaremos os fatores conceptuais, estruturais e sociais que determinam a escolha por parte dos falantes brasileiros das construções reflexiva e média de clítico nulo em alternativa ao clítico explícito. Seguindo o enquadramento teórico da Gramática Cognitiva (Langacker 1987, 1991, 2008), especialmente o conceito fundamental de *perspetivação conceptual* (“construal”) e a distinção entre conceptualização de eventos *energética* vs. *absoluta*, evidenciaremos qualitativa e quantitativamente que as construções reflexiva e média de clítico nulo exprimem uma perspetiva conceptual do evento reflexivo/médio distinta (em relação às construções correspondentes com clítico explícito) e que os fatores mais determinantes da escolha da variante construcional de clítico nulo estão associados à conceptualização *absoluta* do evento reflexivo/médio, isto é, o evento é conceptualizado como um todo conceptual autónomo, um processo temático sem referência à sua força indutora.

Depois de identificarmos as construções reflexiva, recíproca e média no conjunto das construções de *se* (secção 2), apresentaremos os conceitos fundamentais de Gramática Cognitiva para a descrição da voz gramatical e da variação construcional presença/ausência do clítico (secção 3) e a metodologia de análise qualitativa multifatorial dos dados de um corpus do registo informal do PB e de análise quantitativa de estatística multivariada desses dados anotados em termos semânticos, sintáticos, pragmáticos e sociolinguísticos (secção 4). Seguidamente, discutiremos os resultados qualitativos e quantitativos do estudo identificando os fatores que predizem a opção dos falantes brasileiros pela construção reflexiva/recíproca de clítico nulo (secção 5) e pela construção média de clítico nulo (secção 6), sempre em comparação com as suas contrapartes de clítico explícito. Finalmente, concluiremos com as implicações dos resultados do presente estudo para a caracterização das construções reflexiva/recíproca e média de clítico nulo como configurando uma reconceptualização do evento e constituindo

novas construções de padrão ergativo na gramática do PB.

2. Construções reflexiva, recíproca e média de se explícito e nulo

As diferentes construções de *se* em português distribuem-se num contínuo de transitividade, sendo as construções reflexiva, recíproca e impessoal relativamente mais ativas/agentivas do que as construções média, anticausativa e passiva. Embora a construção reflexiva esteja próxima da construção transitiva, a correferencialidade dos participantes implica uma diminuição de grau de transitividade, visto que os dois participantes correferenciais se tornam conceptualmente menos distinguíveis (Kemmer 1993). As construções reflexiva e média distinguem-se em grau de transitividade, distinguibilidade conceptual dos participantes e controlo sobre o evento (Kemmer 1993, Maldonado 1999). Por os participantes na construção reflexiva poderem ser conceptualmente distinguíveis em diferentes facetas e por o participante sujeito deter maior controlo sobre o evento, a construção reflexiva é relativamente mais transitiva e ativa do que a construção média, em que o grau de distinguibilidade das facetas dos participantes e o controlo exercido sobre o evento são menores. Assim, a voz *média* tem uma natureza híbrida, combinando propriedades de atividade e de passividade, de transitividade e de intransitividade, propriedades que Kemmer (1993) e Maldonado (1999) fazem depender das características do participante sujeito. Num estudo recente sobre a voz média em inglês e romeno, Calude (2016) defende, pelo contrário, que a identidade da construção média não se encontra propriamente nas características do participante sujeito mas no próprio evento, isto é, a voz *média* caracteriza-se por perspetivar conceptualmente, em contraste com a voz ativa e a voz passiva, o evento em si mesmo.

Importa notar que assumimos a construção *média* em português com um domínio bem mais abrangente do que o que é apresentado em gramáticas do português, como a descrição de Duarte (2013: 456-458), que considera como construção média a “oração média caracterizadora” de verbos transitivos convertidos em predicados estativos que atribuem ao sujeito uma propriedade característica da entidade por ele denotada (como em *X lê-*

se/bebe-se/lava-se bem/mal). Seguindo as classificações de Kemmer (1993) e Maldonado (1999), consideramos como pertencendo ao domínio da construção (ou voz) *média* as construções de *se* de verbos de ação corporal, emoção, cognição, percepção, união e outros predicados construídos com clítico pseudorreflexivo.

Kemmer (1993) e Maldonado (1999) incluem ainda a construção anticausativa no domínio das construções médias. Também designada como construção *média-interna* (García-Miguel 1995), em oposição à *média-ativa* e à *média-passiva*, a construção anticausativa caracteriza-se pela focalização da afetação do sujeito, desfocalização do agente ou causador e espontaneidade do evento como sendo internamente motivado. Embora reconhecendo propriedades da construção média na construção anticausativa, preferimos a diferenciação entre as duas construções por haver casos em que a construção anticausativa alterna com uma construção transitiva ativa. A construção anticausativa de *se* não será, pois, objeto do presente estudo.

Os exemplos (1)-(4) ilustram as construções de *se* recíproca (1)-(2) e média (3)-(4) com a alternância entre clítico explícito e clítico nulo (sendo este último marcado pelo símbolo Ø).¹

- (1) *Então aí fica, ele, né, vai lá assim, de boa, e tal, e aí quando ela menstrua, e tá pronta pra casar, aí eles vão e se casam, né* (C-Oral)
- (2) *não precisa nem de festa / [...] pra gente Ø casar / Leandro / precisa ter eu / você / uma testemunha e o padre* (C-Oral)
- (3) *Mas, como é que foi, assim, que que cê se lembra desse processo, assim, conta.* (C-Oral)
- (4) *pq ela já Ø lembra dos episódios que ela viu* (Fóruns)

¹ Para comparação e verificação da produtividade da construção de clítico nulo no PB, os seguintes exemplos ilustram a mesma alternância nas restantes construções de *se*:

- construção anticausativa: “com uma ideia de valorizar a cultura popular que tava assim, [...], e alguns dados tavam se perdendo.” (C-Oral); “O arroz, Ø perdeu muito arroz na roça, porque a gente não podia trabalhar, né, Ø perdeu arroz.” (Museu da Pessoa)

- construção passiva: “Mas aquela história se contava na família e eu muito cedo tive vontade de viajar.” (Museu da Pessoa); “o primeiro telefone que Ø pôs aqui na...que foi colocado aqui na Serra do Cipó...” (C-Oral)

- construção impessoal: “Eu acho que vai se chegar, está se chegando a informações melhores.” (Museu da Pessoa); “Lá não Ø pode tirar foto não, né? Igual aqui, de dentro da igreja” (C-Oral).

3. Gramática Cognitiva, voz gramatical e ergatividade

Os argumentos de um verbo, especialmente o agente ou causador e o paciente ou tema, recebem diferentes estatutos de proeminência através da categoria da voz gramatical e de uma variedade de padrões semântico-sintáticos e pragmáticos que a instanciam. As diferentes construções de se envolvem diferentes vozes gramaticais. As construções de se reflexivo, recíproco e impessoal realizam a voz ativa, sendo esta voz gramatical não marcada no português e em muitas outras línguas ditas de sistema *nominativo-acusativo*, porque constroem as situações na perspetiva de “fora para dentro”, isto é, da fonte de energia ou força indutora para o núcleo do evento, configurado na mudança de estado, em oposição às línguas de sistema *ergativo-absolutivo*, que constroem as situações de “dentro para fora”, ou seja, da mudança de estado para a fonte de energia (Langacker 1990: 240-249). Alguns autores, como Kemmer (1993), falam também em voz reflexiva. A passiva de se é uma das construções da voz passiva em português, a par das passivas verbal ou perifrástica, resultativa e estativa. A construção média de se é a principal realização da voz média em português.

Na Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 2001, 2008), a categoria da voz gramatical envolve operações conceptuais de *perspetivação conceptual* (“construal”), isto é, a capacidade de conceptualizar determinada situação de diferentes perspetivas alternativas. Resulta desta capacidade cognitiva geral o facto de que em qualquer expressão linguística estão presentes não apenas o conteúdo ou as propriedades do objeto de conceptualização, mas também a *perspetiva* do sujeito de conceptualização pela qual esse conteúdo foi conceptualmente construído. As alternâncias de voz revelam diversas operações de *perspetivação conceptual*, nomeadamente arranjos perspetivais (“viewing arrangements”), proeminência focal e organização assimétrica dos participantes em termos de Figura vs. Fundo, focalização/desfocalização, dinâmica de forças, especificidade/esquematicidade e menor ou maior envolvimento do conceptualizador ou objetividade vs. subjetividade (ver Maldonado 2007 para uma discussão geral sobre voz gramatical e operações de *perspetivação conceptual* e também Kemmer 1993, Maldonado 1999, Afonso 2008, Silva 2008 e Silva & Batoréo 2010).

Para a alternância entre construções de se explícito e de se nulo,

são particularmente relevantes duas operações complementares de perspetivação conceptual: a oposição entre conceptualização *energética* e conceptualização *absoluta* de situações (Langacker 1991: 389-393) e a oposição entre *objetividade* e *subjetividade* (Langacker 1987: 128-132). A situação *energética* descreve uma interação entre participantes conceptualizada em termos de *dinâmica de forças* e de *cadeia de ação* ou *transferência de energia*, pondo em foco de atenção três elementos desta dinâmica e desta cadeia: (i) a força indutora da situação (agente ou causador), mesmo que não seja explicitamente especificada; (ii) a mudança de estado, por natureza não esperada; e (iii) a afetação do paciente ou tema. Podem ser conceptualizados diferentes graus de força e controlo de energia (agente ou causador) e de afetação do alvo da energia (paciente ou tema), sendo a construção prototipicamente transitiva a mais *energética*. A construção *energética* implica um maior grau de envolvimento do sujeito de conceptualização quer pela sua perspetiva da dinâmica de forças e da cadeia de energia quer pela contraexpectativa em relação à mudança de estado resultante, sendo nesse sentido uma construção mais *subjetiva* (o conceptualizador funciona como sujeito e objeto de conceptualização) do que a construção não *energética*.

Em contraste, a construção *absoluta* ocorre quando a situação é conceptualizada como não *energética*, pondo em foco de atenção, não a força que conduz à mudança, mas o ponto final da cadeia de energia, isto é, o resultado da mudança. A situação é assim conceptualizada como autónoma, como um processo temático sem a sua força indutora ou fonte de energia. Naturalmente que a situação conceptualizada em termos absolutos pode envolver energia, dinâmica de forças e causação, mas o facto crucial é que estes elementos *energéticos* não são postos, de nenhum modo, em foco de atenção. Por exemplo, a situação bem *energética* de uma explosão é conceptualizada como *absoluta* quando a fonte de energia da explosão não é codificada na construção. Comparada com a construção *energética*, a construção *absoluta* exprime uma perspetiva *objetiva* da situação, separada do conceptualizador, o qual funciona apenas como sujeito de conceptualização.

A construção *absoluta* é típica das línguas ergativas, as quais tendem a tomar a perspetiva do ponto final da situação, isto é, o resultado da mudança

de estado, pelo que o paciente ou tema é o participante mais proeminente, posto em foco de atenção, ao contrário das línguas acusativas, que põem em foco de maior atenção o agente ou causador. Na Gramática Cognitiva, *ergatividade* correlaciona-se com orientação para o paciente ou tema. Embora uma língua possa construir as situações em termos quer ergativos/absolutos quer acusativos/energéticos, a estratégia de seleção de um paciente ou tema como figura principal de uma situação, isto é, a construção ergativa/absoluta é a construção não marcada das línguas ergativas e a construção marcada das línguas acusativas. Sintaticamente, a ergatividade implica que o participante único de uma oração intransitiva corresponda ao paciente ou tema da construção transitiva canónica. A ergativização é a mudança do padrão nominativo-acusativo de orientação para o agente ou causador para o padrão ergativo-absolutivo de orientação para o paciente ou tema e esta mudança é marcada numa língua acusativa como o português.

Com base nesta noção fundamental de perspetivação conceptual, na sua polarização cognitiva em termos energéticos vs. absolutos e subjetivos vs. objetivos e no seu grande impacto gramatical, partimos da hipótese de que as construções reflexiva, recíproca e média de se nulo codificam a perspetiva alternativa da situação como não energética ou absoluta, vista no seu ponto final resultante, como um processo temático conceptualmente autónomo, através de um processo de ergativização.

4. Análise baseada no uso e métodos multifatoriais e multivariados

Os dados de análise das construções reflexiva, recíproca e média no PB foram extraídos de três corpora: (i) *C-Oral-Brasil* (263.000 palavras), constituído por transcrições de língua oral espontânea da década de 2000; (ii) *Museu da Pessoa-Brasil* (1.182.544 palavras), que inclui a transcrição de entrevistas sobre histórias de vida compilada em 2000; e (iii) *Fóruns-Brasil* (263.772 palavras), contendo uma coleção de postagens em fóruns na internet em língua escrita informal da década de 2010. Os corpora (i) e (ii) estão disponibilizados na Linguatca e o corpus (iii) foi construído pelo projeto CONDIV (Silva 2016, 2018). Optamos por estes corpora de registo informal porque as construções de clítico nulo são mais frequentes

no registo informal do que no registo formal. O corpus (i) é mais informal e espontâneo do que os restantes.

Limitamos o nosso estudo à forma *se* do clítico, deixando de lado as formas de primeira e segunda pessoas do clítico (*me, nos, te, vos*) nas construções reflexiva, recíproca e média.² Foram coligidas 775 ocorrências das construções de *se* reflexiva, recíproca e média nos três corpora do PB. Deste total, 297 ocorrências apresentam clítico explícito e 478 ocorrências são de clítico nulo, donde o predomínio das construções de clítico nulo (61,7%) nestes corpora do PB.

As 775 ocorrências das construções de *se* reflexiva, recíproca e média recolhidas no corpus foram anotadas com base num conjunto de fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos distribuídos por três níveis: (i) construção gramatical; (ii) verbo; e (iii) sintagma nominal sujeito gramatical das construções em análise. A Tabela 1 sintetiza a anotação efetuada, indicando o número total de ocorrências de cada fator/variante.

TABELA 1 – Número de ocorrências (*tokens*) por fator

fator	variantes	tokens
tipo de construção	reflexiva	31
	recíproca	42
	média	702
controlo	sim	503
	não	272
marcador de controlo	advérbio de controlo	76
	advérbio temporal/aspetual	26
	imperativo	39
	interrogativo	63
	<i>ir</i> + infinitivo/gerúndio	29
	modalidade	50
	negação	32
	<i>para</i> + infinitivo	44
	referente agentivo implicado pelo verbo	83
	outro verbo de controlo	44
	sujeito gramatical humano	5
	contexto	13
	não controlo	271
foco na mudança	sim	341
	não	434

² O estudo das construções reflexivas, recíprocas e médias aqui discutido insere-se num projeto mais alargado (Silva et al. 2021) que engloba também as restantes construções de *se* que apenas admitem esta forma do clítico. Daí se terem codificado também as construções reflexivas, recíprocas e médias exclusivamente com a forma *se* do clítico.

	advérbio dinâmico	171
	perífrase aspetual	48
marcador de foco na	oração adversativa	8
	expressão explícita de causa/resultado	62
mudança	contexto	51
	perceção	1
	não foco na mudança	434
	estado	248
aspeto lexical (verbo)	atividade	47
	“accomplishment”	159
	“achievement”	321
	existencial (EXIST)	12
classe semântica geral	material (MAT)	264
	mental (MNT)	329
(verbo)	modulação (MOD)	15
	relacional (REL)	132
	verbal (VRB)	23
	ação corporal	74
classe semântica	emoção	94
	cognição	157
específica (verbo) (apenas	perceção	41
construção média)	denominação	95
	união	71
	outro	170
	agente causativo	45
	agente não causativo	243
	experenciador	306
papel semântico (SN)	paciente causativo	14
	paciente não-causativo	5
	estímulo	6
	tema	156
animado (SN)	sim	699
	não	76
	C-Oral	359
origem (subcorpus)	Fóruns	223
	Museu da Pessoa	193
década	2000	194
	2010	581

Alguns fatores exigem esclarecimento. Entende-se por ‘controlo’ a capacidade de o participante sujeito gramatical regular a sua ação e a mudança que impõe no participante objeto gramatical. Este fator é operacionalizável através de um conjunto diversos de marcadores: advérbios de controlo (como *ativamente*, *deliberadamente*, *intensamente*), advérbios ou perífrases temporais ou aspetuais, enunciados imperativos ou interrogativas, negação, modalidade, construções infinitivas finais e o co(n) texto nos casos em que não há nenhum marcador de controlo.

O fator ‘foco na mudança’ significa o enfoque (ou a falta dele) por parte do conceptualizador/locutor no momento da mudança de estado. Como

vimos na secção anterior, uma situação pode ser conceptualizada como *energética*, em termos de dinâmica de forças, o que implica pôr em foco de atenção o momento crucial da mudança de estado e aos participantes energéticos dessa mudança, ou pode ser conceptualizada como *absoluta*, um processo que se desenvolve no tempo e culmina num estado resultante, sem pôr em foco de atenção a fonte de energia. Uma das funções do clítico se é justamente codificar a atenção prestada ao momento da dinâmica de forças e à consequente mudança não esperada (Maldonado 1999: 362), pelo que é expectável que o falante opte pela construção de clítico explícito quando focaliza o momento da mudança e, consequentemente, conceptualiza a situação como energética. Os marcadores que permitem operacionalizar esta conceptualização do momento da mudança de estado incluem advérbios ou expressões adverbiais dinâmicos (como *rapidamente*, *lentamente*, *de repente*, *já*, *é assim que*, *é o jeito que*), perífrases aspetuais (e.g. *começar a* + *Vinf*, *estar* + *Vger*), expressão explícita de causa ou resultado (e.g. construções finais ou causais), construções adversativas e o co(n)texto nos casos de ausência de marcador.

Para as classes semânticas do núcleo do sintagma nominal sujeito gramatical e do verbo seguimos as classificações semânticas do projeto ADESSE – uma base de dados com anotação semântica e sintática de um corpus do espanhol (García-Miguel, González Domínguez & Vaamonde 2010).

A análise multifatorial qualitativa da variação entre presença e ausência do clítico nas construções reflexiva, recíproca e média foi complementada e comprovada pela análise quantitativa multivariada. Usamos o modelo estatístico de árvores de inferência condicional (“conditional inference trees” – Hothorn *et al.* 2006, Strobl *et al.* 2009, Tagliamonte & Baayen 2012). Estas árvores de análise estatística exploratória são particularmente úteis nos casos de um grande número de variáveis para uma base de dados relativamente pequena, como no presente estudo. As árvores permitem distinguir grupos de dados que se comportam de modo idêntico. Como resultado, produzem um valor para cada grupo de ocorrências que se comportam do mesmo modo, bem como a proporção dos dados observados no grupo que assume esse valor. Todas as análises foram realizadas com o programa estatístico R 3.5.3 (R Core Team 2019) e o pacote *partykit*,

v. 1.2 (Hothorn & Zeileis 2015, Hothorn *et al.* 2006). Em cada árvore, consideramos todas as variáveis, identificadas na Tabela 1, que se espera que tenham um efeito. A visualização das árvores de inferência condicional permite identificar os fatores preditores da variação entre clítico explícito e clítico nulo e explicar os resultados obtidos.

5. Construções reflexiva e recíproca de clítico nulo

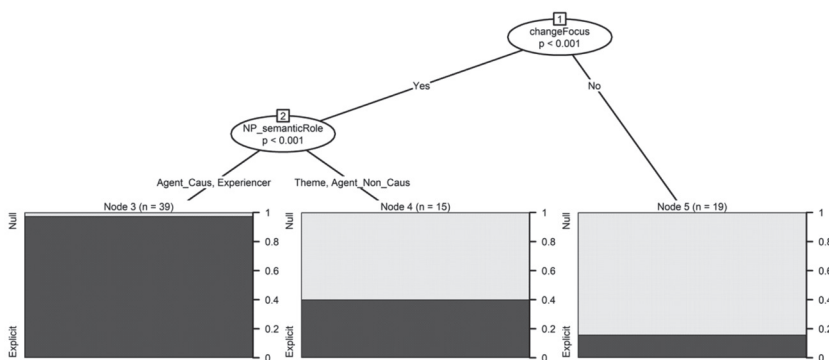
As construções reflexiva e recíproca tendem a manter a presença do clítico *se*. Das 73 ocorrências destas construções no corpus, 47 (64,4%) são com clítico explícito e apenas 26 (35,6%) representam o clítico nulo.

É conceptualmente menos provável que o clítico esteja ausente em contextos de reflexividade e reciprocidade propriamente ditas, visto que o clítico é o marcador gramatical destas categorias semânticas, desempenhando a função de verdadeiro complemento para assim codificar um evento transitivo com dois participantes e a afetação do participante agetivo. Com efeito, o clítico reflexivo codifica a diferenciação conceptual de uma única entidade em duas facetas distintas (Kemmer 1993: 66) e a dinâmica de forças entre as duas partes dessa entidade dividida; por seu lado, o clítico recíproco marca a diferenciação dos dois subeventos que compõem o evento recíproco em que participam os dois (ou dois grupos de) participantes. Confirma-se assim a hipótese de Kemmer (1993) que prediz que, se uma língua dispõe de variação entre duas formas pronominais (tónico vs. clítico ou explícito vs. nulo), a forma fonologicamente mais pesada e independente é utilizada nos contextos de reflexividade e reciprocidade propriamente ditas. Quando a construção reflexiva ou recíproca não envolve a diferenciação conceptual do participante em facetas distintas ou do evento em subeventos e, portanto, não evoca contextos de dinâmica de forças de eu-dividido ou de subeventos, a omissão do clítico é favorecida.

A Figura 1 é a árvore de inferência condicional das construções reflexiva e recíproca do conjunto das 73 ocorrências destas construções no corpus do PB. De notar que a alternância entre clítico explícito e clítico nulo é a variável dependente e as variáveis independentes são os fatores da Tabela 1, estando representados na árvore as variáveis independentes

que desempenham algum papel na variável dependente. Como se pode verificar na Figura 1, a variável independente mais importante é ‘foco na mudança’: a árvore separa as ocorrências anotadas com o traço ‘foco na mudança’ (54 ocorrências nos nós 3 e 4) das ocorrências de ‘não foco na mudança’ (19 no nó 5). O fator ‘foco na mudança’ mostra-se assim preditor da variação entre clítico explícito e clítico nulo nas construções reflexiva e recíproca: as ocorrências de ‘foco na mudança’ preferem a construção de clítico explícito, ao passo que a construção de clítico nulo está claramente associada às ocorrências de ‘não foco na mudança’. Um segundo fator da variação clítico explícito/nulo é o ‘papel semântico’ do núcleo do sintagma nominal ou sujeito gramatical das construções reflexiva e recíproca (nó 2), mas esta variável é apenas determinante entre as ocorrências reflexivas e recíprocas marcadas com o traço ‘foco na mudança’.

FIGURA 1 – Árvore de inferência condicional das construções reflexiva e recíproca



Vejamos como ‘foco na mudança’ está na base da variação entre clítico explícito e clítico nulo, considerando os dois primeiros exemplos apresentados na secção 2 e agora numerados como (5) e (6), que denotam ambos o evento recíproco de casamento.

- (5) *Então aí fica, ele, né, vai lá assim, de boa e tal, e aí quando ela menstrua, e tá pronta pra casar, aí eles vão e se casam* (C-Oral)

- (6) *não precisa nem de festa, essas coisas não. Eu até falei com Leandro, eu, pra gente Ø casar, Leandro, precisa ter eu, você, uma testemunha e o padre (C-Oral)*

Em (5), o clítico codifica o momento crucial ou condição da mudança de estado e, conseqüentemente, o evento recíproco energético de casar-se, pondo em foco de atenção a agencialidade e a afetação dos participantes; ao mesmo tempo, o clítico marca o envolvimento do conceptualizador/locutor na descrição de uma mudança de estado civil não esperada e condicionada. Pelo contrário, a ausência do clítico em (6) está correlacionada com a perspectiva neutra, não energética ou absoluta do ato recíproco de casar-se, tomando o conceptualizador/locutor este evento como um todo e como seu objeto de conceptualização. Existem elementos independentes que permitem operacionalizar o fator ‘foco na mudança’ e, assim, evidenciar a adequação da distinção conceptual entre perspectiva energética e perspectiva absoluta de uma situação como critério explicativo da presença/ausência do clítico. Em (5), os advérbios dinâmicos (*aí ... aí*), as construções adverbiais (*quando menstrua*) e a sequência de eventos dinâmicos (*eles vão e*) são marcadores independentes do momento crucial da mudança de estado e, assim, da perspectiva energética do evento de casar-se, donde a opção pela construção com clítico explícito. Nenhum destes tipos de marcadores está presente em (6).

A mesma alternância de perspectiva conceptual energética/absoluta e, logo, de presença/ausência do clítico observa-se na relação recíproca oposta de separação conjugal, exemplificada em (7) e (8).

- (7) *Já vi casal que época que namoravam nunca transaram devido à religião. Daí casaram, porém só durou 1 ano e meio e se separaram, tentaram voltar várias vezes mas sem resultados positivos, daí cada um foi viver sua vida, hoje a mulher já casou com outro. (Fóruns)*
- (8) *sou muito feliz, porque todo mundo gosta de mim, não tem ninguém contra mim, né. Nem meu marido que a gente já Ø separou, mas não ficamo de mal, sabe, não ficamo contra. Mas sou feliz. Só isso. (C-Oral)*

Em (7), o clítico marca a mudança inesperada de rutura do casamento e a consequente separação, sendo o foco nessa mudança marcado também pela sequência de eventos dinâmicos e contrários (*casaram, porém ... e, tentaram ... mas*) e por expressões adverbiais dinâmicas (*só, 1 ano e meio*). Já em (8), o evento de separação é focalizado no seu resultado e conceptualizado como um processo temático, autónomo e absoluto, pelo que o clítico é omitido. O advérbio *já* não marca o momento crítico da separação conjugal, mas o novo estado civil, e a construção adversativa (*mas não ficamo de mal*) contraria, não o ato de separação, mas as implicações desse novo estado.

Comprova-se no corpus do PB que a presença de marcadores de ‘foco na mudança’ (diferentes do clítico) está geralmente associada à construção de clítico explícito. Das 47 ocorrências da construção reflexiva/recíproca com a presença de *se*, 36 contêm diversos marcadores de ‘foco na mudança’, como advérbios dinâmicos ou expressões adverbiais dinâmicas (ver exemplos 5, 7, 10), perífrases aspetuais (9), orações adversativas (7, 10) e expressões explícitas de causa/resultado (11).

- (9) *se você está se questionando se deve ou não ler por causa dessa coisa toda* (Fóruns)
- (10) *eu tento olhar pra dentro o máximo, né, porque a gente, muitas vezes, acha que se enxerga, mas difícil se enxergar* (C-Oral)
- (11) *Ela está aqui pra se defender, mas ela não consegue.* (C-Oral)

Exemplos da construção estritamente reflexiva de clítico nulo são raros no corpus: apenas 5 ocorrências do total de 31 exemplos da construção reflexiva. O mesmo verificaram Camacho (2003) e Pereira (2007) nos seus estudos sobre as construções de *se* no PB. Todos os 5 exemplos de construção reflexiva de clítico nulo ocorrem em contextos de não mudança de estado, como em (12) e (13). Em (12), *considerar* é um verbo de estado com um único participante e sem nenhuma representação de eu-dividido. Não há necessidade nem para a diferenciação conceptual do participante em diferentes facetas nem para a reflexividade semanticamente não esperada. Em (13), o evento de ação *fechar* é perspectivado, não na sua cadeia de ação ou transferência de energia, mas no seu resultado, donde também não ser necessária a diferenciação de facetas do participante. Em

nenhum dos exemplos ocorre qualquer marcador de foco na mudança. O reflexivo nulo tende assim a ocorrer em contextos conceptualizados como não energéticos, ora porque não é necessária ou não é possível a dinâmica de forças entre facetas do participante, ora porque se conceptualiza como não havendo mudança de estado.

- (12) *Largou casa marido que ela não Ø considera casada e veio me ver.*
(Fóruns)
- (13) *essa turma, cara, nós somos fichinha perto deles. Eles Ø fechavam em casas com trinta, quarenta litros de uísque, cara, cê não imagina*
(C-Oral)

Mais frequentes no corpus são as ocorrências da construção recíproca de clítico nulo, principalmente com o verbo *casar-se* e seus antónimos *separar-se* e *largar-se*, como nos exemplos (6) e (8). Dos 21 exemplos de recíproco nulo, 16 contêm estes verbos de relação conjugal. Outros exemplos de recíproco nulo ocorrem com o verbo *encontrar-se*, como em (14, a seguir).

Importa analisar melhor as condições da presença/ausência do clítico com estes verbos de união. A presença do clítico codifica reciprocidade, uma reciprocidade natural ou necessária, como em (5) e (7), mas pode também codificar o papel simultaneamente ativo e temático do único participante no evento e, assim, medialidade, particularmente nos contextos que não se ajustam à leitura de reciprocidade, mais evidentes quando o sujeito é singular, como em *Ele se casou/separou*. A ausência do clítico marca a perda ou inexistência dos traços de reciprocidade ou de medialidade e serve para codificar a conceptualização absoluta e ergativa do evento de união ou de separação. A natureza primariamente intransitiva do verbo *casar* e a sua incompatibilidade nos usos secundários transitivos com a reflexividade potenciam o seu uso absoluto e ergativo. Deste ponto de vista, não pode falar-se de apagamento do pronome clítico em *casar*, mas da sua ausência. Haverá apagamento do clítico nos casos em que a esperada e natural reciprocidade do ato de casamento ou a possível medialidade do mesmo ato é substituída por uma conceptualização absoluta desse ato.

A Figura 3 mostra que há um segundo fator na variação clítico explícito vs. nulo. Trata-se do papel semântico do nome sujeito gramatical da

construção reflexiva/recíproca que intervém no conjunto das ocorrências marcadas com o traço ‘foco na mudança’ (nós 3 e 4). Sujeitos com o papel de tema ou de agente não causativo estão mais associados à construção de clítico nulo (nó 4), como nos exemplos (14) e (15), do que sujeitos agente causativo ou experienciador (nó 3), como nos exemplos (16) e (17).

- (14) *Mas para quem morava em um sítio, não tinha carro e só andava de carroça, era longe. Então a gente não tinha tanto contato com meus avós paternos. Então Ø encontrava uma vez na vida no Natal.* (Museu da Pessoa)
- (15) *Realmente cada caso é um caso, e isso não é sinal que um não goste do outro, nem que vão Ø largar depois daquele tempo* (Fóruns)
- (16) *Porque ela ia se trocar, ela apagava a luz pra eu não ver ela sem roupa.* (Museu da Pessoa)
- (17) *Mas que as pessoas tinham que se respeitar para conseguir conviver* (Museu da Pessoa)

Embora a frequência seja reduzida, sobretudo em relação ao grupo do nó 4 (apenas 15 ocorrências), esta variação é conceptualmente motivada, visto que participantes temáticos ou agentivos não causativos não têm a força indutora ou *energia* suficiente para impor uma mudança de estado. As 9 ocorrências de clítico nulo, no pequeno conjunto das 15 ocorrências com sujeito temático ou agentivo não causativo (nó 4), são com os verbos *casar-se*, *largar-se* e *encontrar-se* em uso recíproco.

Exceções a este fator do papel semântico do sujeito gramatical estão exemplificadas em (18) e (19). A ocorrência inesperada da construção de clítico nulo em contexto de foco na mudança de estado (e presença de marcadores deste traço semântico) e sujeito agentivo do exemplo (18) – a única ocorrência de clítico nulo do nó 3 – pode dever-se a dois fatores: por um lado, o registo informal e espontâneo do corpus (*C-Oral*); por outro lado, a aproximação do verbo *limpar-se* aos verbos de cuidado corporal, que tendem a associar-se à construção média, como veremos na secção seguinte. Em relação a (19), também do *C-Oral*, a presença do clítico com sujeito temático do verbo *encontrar-se* (uma das 6 ocorrências de clítico

explícito do nó 4), em contraste com o exemplo (14), dever-se-á ao fator principal de ‘foco na mudança’, marcado por *todas as vezes que*.

- (18) *o João brinca que vai cair, aí, eu agora e aí eu demorei, que eu tava acabando de fazer um negócio, ali. Dois segundo, né. Aí, tinha, eu escutei dar descarga, já Ø limpou, João. Já. Ele mesmo limpou sozinho e já saiu do banheiro, deu descarga e tchau. Demorei muito, po, gosto dele. (C-Oral)*
- (19) *De forma alguma, todas as vezes que a gente, se encontra, tem que ter carrinho (C-Oral)*

Em síntese, a árvore de inferência condicional da Figura 1 aponta para um mesmo padrão geral nas construções reflexiva e recíproca: clara preferência pela construção de clítico nulo quando não há foco na mudança de estado, isto é, quando a construção é absoluta, ou quando, havendo foco na mudança, o participante é temático ou agentivo não causativo.

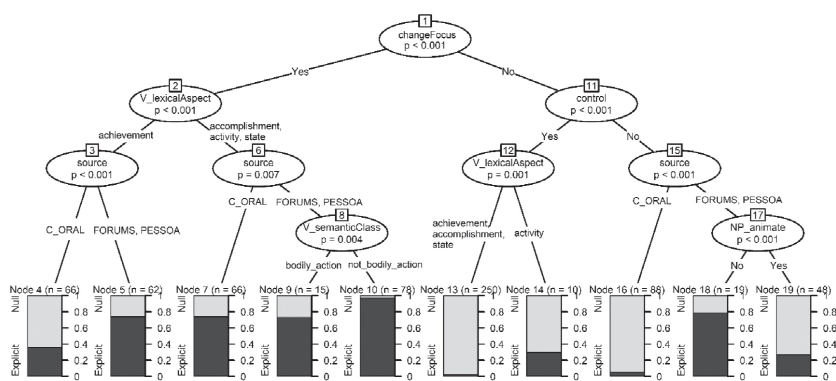
6. Construção média de clítico nulo

Como já referimos na secção 2, o domínio da construção média envolve grande variedade de classes semânticas de predicados, entre os quais estão verbos de cognição (157 ocorrências no corpus), emoção (94), ação corporal (74), percepção (41) e ainda denominação (95, sempre *chamar-se*) e união (71, sendo 55 com *casar-se* e *separar-se* em sentido não recíproco mas médio). Do total de 702 ocorrências da construção média no corpus, 64,4% (452) apresenta clítico nulo, contra 35,6% (250) de clítico explícito. Ao contrário das construções reflexiva e recíproca, a construção média tende assim a ser codificada pela construção de clítico nulo.

A Figura 2 mostra que o preditor principal da variação entre clítico médio explícito vs. nulo é, tal como nas construções reflexiva e recíproca, o fator ‘foco na mudança’. Já secundariamente, num segundo nível da árvore, os fatores igualmente internos ‘aspeto lexical’ do verbo e ‘controlo’ sobre o evento desempenham também um papel na mesma variação. O fator externo do ‘registo’ (‘origem’, na árvore) é também determinante na mesma

variação, mas a níveis mais inferiores. Finalmente, o fator interno da classe semântica do predicado desempenha um papel muito limitado na variação clítico explícito vs. nulo (nó 8). Vejamos o funcionamento destes preditores, a começar pelo mais importante.

FIGURA 2 – Árvore de inferência condicional da construção média



Os exemplos (20)-(24) ilustram o contraste entre clítico explícito e clítico nulo e permitem compreender como ‘foco na mudança de estado’ é o fator determinante desta variação construcional.

- (20) *como projetar um lucro líquido numa empresa, como se aproximar dum consumidor* (C-Oral)
- (21) *Aí, o cara começa a cantar uma música tradicional. A camela chora de ...escorrer escorrer escorrer lágrima. Aí, ela deixa o filhote Ø aproximar dela e mamar* (C-Oral)
- (22) *GIL: Aí, a mulher foi, olhou meio assim, tipo, pra mim, meio sem graça, né.*
ADR: Agora que, ela ia se preocupar mesmo (C-Oral)
- (23) *FLA: Seu dinheiro tá caindo*
REN: Nossa! Nem tinha visto. Espero que eu não tenha perdido
FLA: cê Ø preocupou, né. Cê perdeu o meu vintão
REN: Não... o seu tava no outro bolso (C-Oral)

- (24) *toda a vez que você se lembrar dele, não Ø lembre dos momentos felizes juntos, isso não vai te ajudar em nada! se o foco é esquecer ele, então você deveria Ø lembrar só dos defeitos!!* (Fóruns)

Comparando os dois usos do verbo de ação corporal (especificamente, movimento translacional) *aproximar-se*, a construção com clítico nulo de (21) exprime o escaneamento mental do evento de aproximação como um todo e focalizado, não no movimento de aproximação do participante sujeito, mas na nova localização deste participante (*filhote*) relativamente ao lugar do participante objeto (*camela*). Em contraste, o clítico em (20) focaliza a fase inicial do movimento (mais abstrato) de aproximação a um consumidor, marcando assim a mudança efetiva de não aproximação para aproximação. É assim que a construção com clítico explícito exprime uma conceptualização mais energética, de dinâmica de forças e, consequentemente, mais *subjativa* (isto é, com maior envolvimento do conceptualizador/locutor no evento) do movimento de aproximação. Não existe um marcador de foco na mudança em (20), mas é possível acrescentá-lo: por exemplo, um advérbio dinâmico (*rapidamente*), de contraexpectativa (*inesperadamente*) ou de atitude do agente (*simpaticamente*). Já em (21) o mesmo ou não é possível ou altera significativamente o sentido do enunciado. Além disso, é possível acrescentar em (21), mas não em (20), uma expressão temporal durativa, como *durante toda a música* ou *durante todo esse dia*, ou uma construção adversativa que negue a mudança (*mas o filhote não quis*), visto que o que a construção de clítico nulo enfoca é todo o processo desenvolvido ao longo do período de tempo delimitado por *aproximar-se*. A mesma diferença de conceptualização do movimento translacional oposto de afastamento é codificada na alternância entre *ir-se embora* (o momento da mudança) e *ir embora* (resultado da mudança).

A mesma oposição entre conceptualização energética e conceptualização absoluta verifica-se com o verbo de reação emocional *preocupar-se*. A construção com clítico explícito de (22) enfoca a reação emocional do experienciador e, deste modo, a sua experiência psicológica de dinâmica de forças. Esta leitura é reforçada por vários marcadores de foco na mudança de estado emocional, presentes em (22): o advérbio temporal dinâmico *agora*, o advérbio epistémico *mesmo*, o marcador de foco (*é*) *que*, a perífrase aspetual

ir preocupar e ainda expressões verbais dinâmicas (*foi, olhou pra mim*). Em contraste, a ausência do clítico em (23) põe em segundo plano a experiência psicológica de dinâmica de forças e a mudança energética para enfocar o novo estado emocional. Por isso mesmo, não há nenhum marcador de foco na mudança em (23) nem o co(n)texto evoca o momento da mudança. Além disso, *cê preocupou* é perfeitamente parafraseável pela perífrase resultativa *cê ficou preocupado*, mostrando assim como (23) exprime, não o momento da mudança emocional, mas o novo estado resultante da mudança.

Em (24), encontramos dentro do mesmo enunciado a variação clítico explícito vs. nulo com o verbo mental *lembrar-se*. A presença do clítico serve para conceptualizar o momento crucial da mudança de não querer lembrar-se para não ser capaz de evitar lembrar-se e, assim, uma experiência mental energética, de dinâmica de forças. Esta leitura é reforçada pela expressão adverbial dinâmica iterativa *toda a vez que*. A ausência do clítico nas ocorrências seguintes do mesmo verbo permite desfocalizar a mudança efetiva de estado mental para estender o escaneamento mental do evento e focalizar o processo de mudança como um todo, isto é, a lembrança, não dos momentos felizes com ele, mas dos defeitos dele. Estas duas ocorrências de *lembrar-se* sem o clítico podem receber uma expressão temporal durativa (*durante largos minutos*) ou uma oração adversativa que negue a mudança (*mas ele se lembra/não se lembra disso*).

A análise de corpus permite concluir que há efetivamente uma correlação positiva entre a opção pela construção média com clítico explícito e a ocorrência de marcadores a codificarem o foco na mudança de estado. Das 250 ocorrências de construção média e presença do clítico, 66,4% (166) contém marcadores explícitos do momento da mudança, sendo os mais frequentes expressões adverbiais dinâmicas e perífrases aspetuais, como em (22) e (24), expressão explícita de causa/resultado e orações adversativas, como em (25) e (26).

- (25) *Bom eu vou dar a minha opinião, você por favor não se ofenda, né?* (Fóruns)
- (26) *Para secar o leite materno existe um medicamento [...] Mas lembre-se que só deve tomar este medicamento segundo indicação do seu médico.* (Fóruns)

Vejamos agora os restantes preditores da variação clítico explícito vs. nulo: aspeto lexical do predicado (nós 2 e 12), controlo do sujeito gramatical (nó 11) e registo (nós 3 e 6).

O aspeto lexical do verbo desempenha um papel na variação construcional em causa quando o momento da mudança é focalizado (nó 2): os eventos pontuais ou culminações (“achievements”) (nó 3, com 128 ocorrências, das quais 58 com clítico explícito e 70 com clítico nulo) estão mais associados à construção com clítico nulo do que os estados, as atividades e os eventos prolongados ou culminados (“accomplishments”) (nó 6). Podemos apontar duas razões para este resultado. Por um lado, os eventos pontuais favorecem o enfoque do ponto final ou resultado de um processo em detrimento da energia que conduziu a esse resultado, isto é, os eventos pontuais favorecem a conceptualização absoluta do evento, codificada na construção de clítico nulo. Por outro lado, 77,6% (45/58) das ocorrências de clítico nulo do nó 3 apresentam verbos médios que frequentemente se associam à construção de clítico nulo, como veremos mais adiante. São verbos das classes semânticas de união *casar-se* (9 ocorrências no nó 3; 52/54 médios nulos no total) e *separar-se* (4 ocorrências; 11/12 nulos); ação corporal *deitar-se* (3; 7/7 nulos), *levantar-se* (4; 5/5 nulos) e *sentar-se* (2; 13/13 nulos); cognição *esquecer-se* (3; 32/32 nulos) e *lembrar-se* (4; 104/111 nulos); emoção *cansar-se* (6; 10/10 nulos) e *desesperar-se* (6; 6/7 nulos); e *encontrar-se* (4; 7/10 nulos). O impacto do aspeto lexical nos contextos de ‘não foco na mudança’ e ‘controlo’ do sujeito gramatical (nó 12) parece ser relativamente reduzido, tendo em conta o baixo número de ocorrências no corpus (10 da classe aspetual de atividade: nó 14). Um corpus mais extenso permitiria medir com maior precisão o impacto do aspeto lexical.

Vejamos agora o fator ‘controlo’ do participante sujeito gramatical, apenas relevante nos casos de ‘não foco na mudança’ (nó 11), os quais determinam, à partida, a opção pela construção de clítico nulo. A construção de clítico explícito tende a ser preferida apenas com sujeitos sem controlo e não humanos e nos subcorpora de registo menos espontâneo, isto é, Fóruns e Museu da Pessoa (das 19 ocorrências no nó 18, 15 apresentam o clítico se). Importa também notar que 11 destas 15 ocorrências de clítico explícito dão-se com a expressão gramaticalizada *chamar-se* (que discutiremos a seguir). Podemos concluir que o controlo do participante sujeito sobre o

evento é um fator preditor relativamente fraco, visto que a construção de clítico nulo é claramente selecionada nos casos de ‘não foco na mudança’ independentemente do controlo (ou falta dele) do sujeito sobre o evento.

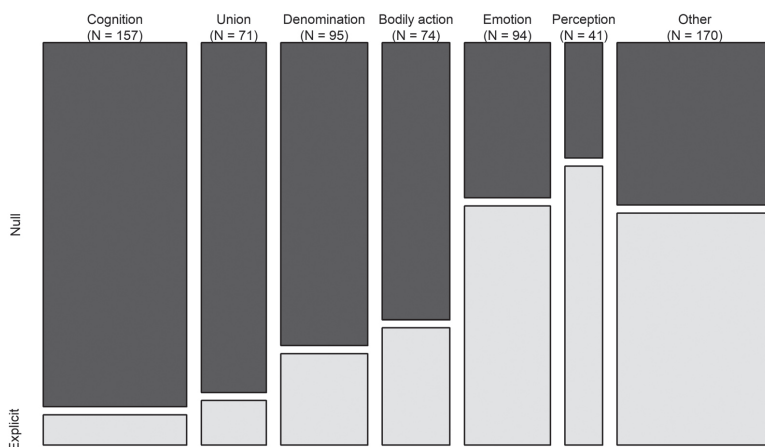
Este resultado não permite confirmar a proposta de alguns autores, como Maldonado (1999) e Medina (2014), sobre a importância da variável controlo do participante sujeito. Num estudo sobre o marcador médio no PB, Medina (2014) aponta o grau baixo de controlo do iniciador sobre o evento como fator conceptual para a permanência do clítico se nas construções médias. Apesar de a construção média se caracterizar pelo menor controlo sobre o evento em comparação com as construções reflexiva e recíproca e de o clítico se marcar uma diminuição (ou falta) de controlo por parte do iniciador do evento, como propõe Maldonado (1999), o fator controlo não parece ter no nosso corpus essa relevância para a opção pela construção de clítico explícito.

Um outro preditor da variação entre presença e ausência do clítico é o registo. Como se pode verificar nos nós 4 e 7 da árvore da Figura 2, quando o foco é posto na mudança de estado e, consequentemente, se esperaria a construção de clítico explícito, o corpus oral mais espontâneo (*C-Oral*) apresenta um número relativamente elevado de ocorrências da construção de clítico nulo. Juntamente com o fator interno do aspeto lexical do verbo, designadamente a culminação (“achievement”), o registo oral mais informal e espontâneo é responsável por 63,6% (42/66) da construção de clítico nulo (ver nó 4). A frequência do clítico nulo no mesmo *C-Oral* desce bastante quando o aspeto lexical do verbo é de classes diferentes da culminação (ver nó 7). Do lado dos casos de ‘não foco na mudança’ e de ‘não controlo’ sobre o evento é também no registo mais espontâneo do *C-Oral* que se encontra uma preferência clara pela construção de clítico nulo (nó 16). Pode assim concluir-se que a construção com clítico nulo no PB é mais frequente no registo oral mais espontâneo.

Apreciemos, finalmente, o papel da categoria semântica do verbo na variação clítico explícito vs. nulo. Como já referimos e podemos verificar na Figura 2, este fator tem um impacto limitado, podendo explicar apenas uma pequena parte da variação, constituída pelos casos anotados como foco na mudança, aspeto lexical diferente da culminação e registo menos espontâneo (ver nó 8). Isto sugere que as diferentes categorias semânticas

de verbos associadas à construção média se comportam de modo idêntico quanto à variação entre clítico explícito e clítico nulo. Há, no entanto, algumas diferenças que, embora não se mostrem significativas na análise multivariada, merecem atenção. A Figura 3 apresenta a proporção de ocorrências das construções de clítico explícito vs. nulo por categoria semântica do verbo (as categorias com menos de 40 ocorrências foram codificadas como “outro”). Os verbos de cognição, união, denominação e ação corporal são os que mais frequentemente se associam à construção de clítico nulo. Pelo contrário, os verbos de percepção e emoção são os que mais se combinam com a construção de clítico explícito.

FIGURA 3 – Construções médias de clítico explícito/nulo por categoria semântica do verbo



A preferência dos verbos de cognição pelo clítico nulo – especificamente os verbos *lembrar-se* e *esquecer-se*, que representam 90,5% (142/157) de todos os verbos de cognição na construção média no corpus – deve-se ao facto de estes verbos exprimirem geralmente uma atividade mental simples e rotineira e, por isso, não energética. Com efeito, as 12 ocorrências de clítico explícito com estes verbos exprimem a emergência da respetiva atividade mental, sendo essa mudança não esperada codificada, quase sempre (9/12), por expressões adverbiais dinâmicas que marcam contraexpectativa do falante, como *então aí*, *então*, *depois veio*, *assim*, *toda a vez que*, como

nos exemplos (3) e (24), acima, e em (27) com o verbo *lembrar-se*. Já o mesmo mais dificilmente se acomoda ao verbo *esquecer-se*, pelo que não se encontra no corpus nenhuma ocorrência de clítico explícito com este verbo, mesmo em contextos de maior contraexpectativa do falante, como em (28).

(27) *As pessoas mais antigas é que vão de rei dos bugios e eu como tinha poucos anos, 18 anos de bugio, não podia ir de rei. Então, como eles viram que eu tinha capacidade para tal, lembraram-se e bateram-me à porta.* (Museu da Pessoa)

(28) *BRU: eles foram prum lugar onde se fala hebraico, eles não falavam uma palavra de hebraico, chegaram no aeroporto, né; Ø esqueceram de buscá-los.*

PRI: Nossa

BRU: não, é até interessante. Aí ela na introdução fala [...] o dia era tão importante que eles Ø esqueceram de buscá-los. (C-Oral)

De notar que os verbos de cognição que implicam um experienciador com grau elevado de controlo geram sistematicamente a construção reflexiva ou a construção recíproca quando se combinam com o clítico, como *achar-se*, *compreender-se*, *conhecer-se*, *considerar-se*, *entender-se*, *imaginar-se*. Das 8 ocorrências destes verbos na construção reflexiva, apenas o exemplo (12) acima, com o verbo *considerar-se*, se apresenta sem clítico. O mesmo acontece com os verbos de perceção (que são os verbos de atividade mental que implicam maior controlo e menor afetação do experienciador), como *ver-se*, *enxergar-se*, *ouvir-se*, *cheirar-se*, *tocar-se*. Todas as 13 ocorrências destes verbos na construção reflexiva/recíproca vêm acompanhadas do clítico.

A preferência dos verbos de união pela construção de clítico nulo tem sobretudo a ver com o uso muito frequente dos verbos *casar-se* e *separar-se* a designar, não a mudança, mas o estado resultante. Os três únicos exemplos destes dois verbos (em uso médio) com clítico explícito encontrados no corpus enfocam o momento crucial da mudança e são marcados por advérbios dinâmicos e expressões explícitas de causa ou resultado, como em (29), (oração temporal *quando ...*) e (30), (oração final *pra ter cidadania europeia*).

- (29) *Aí ele foi para lá, depois quando ele casou-se com a minha mãe, passados uns anos, ele começou a nos levar todos para essa fazenda* (Museu da Pessoa)
- (30) *Essa cachorra, se casou com italiano pra ter cidadania européia, e se picou pra França* (C-Oral)

O verbo *chamar-se*, único verbo de denominação registado no corpus, ocorre quase sempre (73/95) na construção de clítico nulo quer no registo mais espontâneo do *C-Oral* quer no registo menos espontâneo do *Museu da Pessoa*, como em (31) e (32), o que atesta o alto grau de des-semanticização da construção reflexiva *chamar-se a si mesmo*, típica do português antigo, e a gramaticalização do verbo para funcionar como verbo pseudo-copulativo de expressão do nome próprio (ver Fernández Jáen 2019 para a descrição cognitivo-funcional deste processo diacrónico no espanhol). As 22 ocorrências de *chamar-se* com clítico explícito, como em (33), curiosamente seguido pelo apagamento do clítico, não estão propriamente associadas a um enfoque na mudança de estado (não há nenhum marcador de foco na mudança nos respetivos enunciados), aparecendo antes por força da sua gramaticalização como verbo médio inerente e nos corpora de registo menos espontâneo (apenas 2 exemplos no *C-Oral*). A construção de clítico nulo com o verbo *chamar-se* (inexistente no PE) poderá representar a fase inicial do processo de generalização da produção de construções de clítico nulo e explícito com os verbos médios inerentes.

- (31) *a filha do tio Carlos Ø chamava Maria Julieta, tinha uma filha do meu tio que chama Ø Julieta, até que é viva, mora lá em Itabira* (C-Oral)
- (32) *A minha irmã Ø chama Leni Bueno Monteiro e o meu irmão Ø chama Lenine Bueno Monteiro* (Museu da Pessoa)
- (33) *Chamava-se, chama Ø, é Raimundo Silva, ele ainda é vivo.* (Museu da Pessoa)

Finalmente, os verbos de ação corporal mostram uma ligeira preferência pela construção de clítico nulo. A razão desta preferência poderá estar no facto de estes verbos, particularmente os de posição corporal e de deslocação,

serem mais frequentemente usados para designarem o estado resultante, isto é, a nova posição do corpo ou a nova localização do participante sujeito. Todas as 24 ocorrências dos verbos de mudança da posição corporal, como *levantar-se*, *sentar-se* e *deitar-se* não apresentam clítico, já que geralmente exprimem rotinas conceptualmente autónomas relativamente ao seu input de energia. Mas também se encontram algumas ocorrências de *levantar-se* sem clítico em contexto de mudança não esperada, como em (34).

- (34) *Aí quando eu tava, ligando pa polícia, eles Ø levantaram e foram embora* (C-Oral)

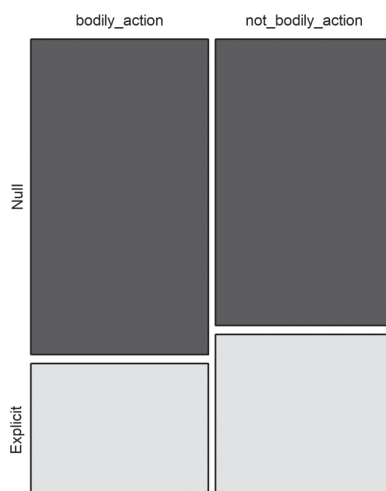
Isto pode sugerir a tendência do PB (em claro contraste com o PE) para a ergativização dos verbos de posição corporal, bem como de outros verbos de ação corporal como *mudar-se*, o qual ocorre sempre (19 exemplos no corpus) na construção de clítico nulo. Quer dizer que o que aqui é conceptualizado não é o movimento corporal autoagentivo, mas o resultado desse movimento, isto é, a nova posição do corpo ou a nova localização do participante principal.

Em contraste com as categorias semânticas anteriores, os verbos de emoção (especialmente de reação emocional) e os verbos de percepção preferem claramente a construção com clítico explícito. Isto faz sentido na medida em que o clítico focaliza a mudança de estado emocional/mental do experienciador. O que a construção com clítico nulo faz com estes verbos é desfocalizar a mudança emocional ou percetiva e focalizar o novo estado emocional, como em (23), acima, e (35), ou a nova atividade mental, como em (36), em que o verbo de localização *encontrar-se* é metonimicamente usado como verbo de percepção (a expressão adverbial *todo o santo dia* é um marcador de desfocalização da mudança).

- (35) LIA: e aquela empregada da Cláudia agora tá indo direitinho?
LEO: melhorou agora dessa vez que voltou. Ela ficou doida pa voltar, Ø arrependeu (C-Oral)
- (36) *Eu tinha uma namorada também queria Ø encontrar comigo todo santo dia.* (Fóruns)

Comparando os verbos de ação corporal com as outras categorias semânticas de verbos médios, verifica-se que não há grandes diferenças relativamente à variação entre presença e ausência do clítico, como a Figura 4 mostra.

FIGURA 4 – Verbos de (não) ação corporal e a variação clítico explícito vs. nulo



Este resultado pode constituir um argumento empírico para se considerar os verbos de ação corporal como pertencendo ao domínio da construção média, tal como Kemmer (1993) e Maldonado (1999) propõem, apesar de serem os que mais se aproximam da verdadeira construção reflexiva, já que implicam um participante sujeito agentivo. De entre os verbos de ação corporal, os de cuidado do corpo, como *arrumar-se*, *banhar-se*, *escovar-se*, *depilar-se*, *maquiar-se* (atestados no corpus), parecem preferir a construção com clítico explícito (das 9 ocorrências, apenas 1 é com clítico nulo). No entanto, é muito baixa a sua frequência no corpus e as 8 ocorrências com clítico explícito são dos subcorpora *Museu da Pessoa* e *Fóruns*.

7. Implicações para a gramática do PB

Os resultados da análise estatística multivariada, para a qual foi utilizado o modelo exploratório de árvores de inferência condicional, mostram que a variação entre presença e ausência do clítico nas construções reflexiva, recíproca e média no PB não se deve a fatores estritamente morfossintáticos nem a respetiva construção de clítico nulo, frequente e produtiva no PB, que assim diverge do PE, se explica pela tendência do PB para a perda generalizada dos clíticos, como afirmam Galves (2001), Cyrino (2007) e Carvalho (2016), entre outros. O fator que se mostrou como principal preditor desta variação construcional, quer nas construções reflexiva e recíproca quer na construção média, é de natureza conceptual, semântica portanto, nomeadamente o enfoque (ou não enfoque) no momento da mudança de estado. Pôr em foco de atenção o momento da mudança – que a presente análise operacionalizou com base em marcadores independentes (expressões adverbiais dinâmicas, perífrases aspetuais, construções adversativas, entre outros) – implica uma perspetivação energética do evento (em termos de dinâmica de forças). Esta conceptualização *energética* está associada à construção de clítico explícito. Por outro lado, quando o momento da mudança de estado não é o foco de atenção – corroborado pela ausência daqueles marcadores –, o evento é conceptualizado como um todo autónomo, perspetivado não no momento mas no resultado da mudança. Esta conceptualização não energética ou *absoluta* do evento mostrou-se claramente associada à construção de clítico nulo.

Reflexivos e recíprocos associam-se mais frequentemente à construção com clítico explícito (64,4% (47/73) dos reflexivos e recíprocos no corpus ocorre com o clítico). A análise quantitativa mostra que quando isso acontece é o momento efetivo da mudança que é perspetivado, sendo pois o evento conceptualizado como *energético*. Esta associação preferencial da reflexividade e da reciprocidade à presença do clítico é conceptualmente motivada. Com efeito, os verdadeiros reflexivos exprimem, como Kemmer (1993) e Maldonado (1999) explicaram em termos cognitivos, uma dinâmica de forças entre duas facetas, semântica e sintaticamente diferenciadas, de um mesmo participante e este participante, ou melhor, a faceta que é codificada como sujeito mostra alto grau de controlo sobre o

evento. O clítico reflexivo vem precisamente codificar a distinguibilidade entre as duas facetas do mesmo participante, a relação de dinâmica de forças entre essas duas facetas, funcionando uma como agente (sujeito gramatical) e outra como paciente (marcada pelo clítico, que exerce a função de objeto, correferencial ao sujeito), e a mudança de estado não esperada do participante. O clítico recíproco codifica a diferenciação dos dois subeventos que compõem o evento recíproco em que participam os dois (ou dois grupos de) participantes.

Quando o momento crucial da mudança não é conceptualmente perspectivado e, conseqüentemente, o evento reflexivo ou recíproco é conceptualizado como *absoluto* ou quando, mesmo sendo perspectivado o momento da mudança, o seu participante é temático ou agentivo não causativo, a construção de clítico nulo é mais frequentemente produzida. Mais especificamente, a construção reflexiva nula, relativamente pouco frequente no corpus, tende a ocorrer ora quando a divisão conceptual do participante em facetas distintas é irrelevante ou inexistente – o que inviabiliza uma situação de dinâmica de forças – ora quando se conceptualiza não haver mudança de estado. A construção recíproca nula mostrou-se mais frequente no corpus do que a reflexiva nula, ocorrendo mais frequentemente com verbos de união (*casar(-se)*, *separar(-se)*). Esta maior frequência da construção recíproca nula pode resultar quer do efeito lexical desses verbos quer da menor resistência da reciprocidade à construção absoluta, já que envolve a separabilidade, não de facetas de um participante, mas de subeventos.

Ao contrário das construções reflexiva e recíproca, a construção média, no conjunto das diversas classes semânticas de verbos que nela participam, associa-se mais frequentemente à construção de clítico nulo (64,4% (405/702) das ocorrências da construção média no corpus é marcada pela ausência do clítico). Esta associação preferencial da medialidade à ausência do clítico também é conceptualmente motivada. A semântica da construção média, especialmente o seu grau menor de transitividade, distinguibilidade do participante em facetas distintas e de controlo sobre o evento, em comparação com as construções reflexiva e recíproca, facilita a conceptualização *absoluta* do evento, como um todo autónomo, um processo temático focalizado no ponto terminal da mudança, desfocalizando

a sua fonte de energia. É assim que o fator ‘não foco no momento da mudança’, iconicamente expresso pela ausência de marcadores dessa mudança, prediz claramente a opção pela construção média nula. Outros fatores intervêm também, embora a nível secundário, na opção pelo médio nulo, designadamente o aspeto lexical do verbo e o registo: entre os casos marcados pelo fator ‘foco na mudança’ (que à partida conduziria à presença do clítico), os eventos pontuais ou culminações (“achievements”), porque este valor aspetual permite focalizar o ponto final ou resultado do evento, e o registo oral mais espontâneo do corpus *C-Oral* favorecem a opção pela construção média nula. Confirma-se assim a relevância da variável sociolinguística do registo (estatisticamente significativa na construção média, mas presente também nas construções reflexiva e recíproca): a construção de clítico nulo é mais frequente e produtiva no registo informal e coloquial e ainda mais no registo oral mais espontâneo (como é o do *C-Oral* em relação aos corpora *Museu da Pessoa* e *Fóruns*, de registo também informal). Embora a classe semântica do predicado não se tenha mostrado uma variável estatisticamente significativa, os verbos de cognição, união, denominação e ação corporal são os que mais frequentemente se associam à construção média nula, já que estes verbos são mais usados para exprimir o estado (mental, civil, identidade, posição do corpo ou localização) resultante.

Quando o evento médio é conceptualizado como *energético*, especificamente em termos de dinâmica de forças nos domínios físico de ação corporal, emocional, mental ou outro domínio abstrato, focalizando assim a fonte de energia e a mudança efetiva de estado corporal, emocional, mental ou outro, então a construção média mantém a presença do clítico. Em relação aos diversos verbos médios, os de reação emocional e de percepção parecem combinar-se mais facilmente com o clítico: embora estatisticamente não relevante, esta associação está em conformidade com o contributo conceptual do clítico de focalizar precisamente a mudança efetiva de estado emocional ou mental do experienciador.

As construções reflexiva, recíproca e média de clítico nulo evidenciam uma reconceptualização motivada do evento e, conseqüentemente, uma reconstrucionalização (Traugott & Trousdale 2013) no PB. Estamos, pois, perante a emergência de novas construções no PB, isto é, padrões

simbólicos de forma e significado (Langacker 1987, 1991; Golberg 1995, 2006) cognitivamente sedimentados na mente dos falantes, claramente diferenciadas das construções de clítico explícito: enquanto que a forma da construção com o clítico explícito está simbolicamente associada à focalização no momento da mudança, a forma da construção com o clítico nulo está simbolicamente associada à focalização no estado resultante da mudança, aproximando-se do padrão ergativo. Uma das consequências da reconstrucionalização é a mudança do padrão de voz gramatical do PB em direção à ergativização, ou seja, como consequência da emergência das construções de clítico nulo, a voz ativa e a voz média também sofreram um processo de reconceptualização através do qual se reduz o distanciamento conceptual entre voz ativa e voz média, de um lado, e voz passiva, do outro.

A nível teórico e metodológico, este estudo contribui para evidenciar que as construções gramaticais são meios eficientes de estruturação conceptual e envolvem capacidades e operações cognitivas gerais e que o enquadramento teórico da Gramática Cognitiva (Langacker 1987, 1991, 2008) permite a descrição e a interpretação adequadas dessas operações cognitivas inscritas na gramática de uma língua (ver também Silva 2019), neste caso na(s) gramática(s) da variedade nacional do PB. Especificamente, a capacidade cognitiva geral de *perspetivação conceptual*, pela qual conceptualizamos e comunicamos uma mesma situação de perspetivas alternativas, e as possibilidades de conceptualização *energética* vs. *absoluta* de uma mesma situação que esta capacidade permite explicam o significado da variação construcional entre presença e ausência do clítico se nas construções reflexiva, recíproca e média no PB. Concomitantemente, estes processos cognitivos combinam-se com processos sociais, pelo que a gramática de uma língua resulta da interação entre fatores cognitivos e fatores sociais; a variação construcional aqui estudada depende de fatores cognitivos de variação da perspetiva conceptual sobre uma situação e de fatores sociais de variação geográfica (a variação entre PB e PE) e estilística (a variação entre registo informal e formal). Metodologicamente, o presente estudo, aplicando técnicas avançadas de análise estatística multivariada a usos reais das construções estudadas num corpus, mostra como se podem operacionalizar os constructos teóricos da Gramática Cognitiva e como esses constructos são empiricamente válidos. Especificamente, o

modelo estatístico de árvores de inferência condicional permite comprovar empiricamente a distinção conceptual na variação entre presença e ausência do clítico e a reconceptualização do evento reflexivo, recíproco ou médio na nova construção de clítico nulo, típica do PB. Finalmente, e já no plano descritivo, esperamos ter deixado um contributo para a compreensão de uma especificidade da gramática do PB, em divergência com o PE, e para o estudo da variação construcional entre as duas variedades nacionais do português.

REFERÊNCIAS

- Afonso, S. 2008. Existentials as impersonalising devices: The case of European Portuguese. *Transactions of the Philological Society*. 106(2): 180-215.
- Bagno, M. 2002. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Calude, A. S. 2017. Testing the boundaries of the middle voice: Observations from English and Romanian. *Cognitive Linguistics*. 28(4): 599-629.
- Camacho, R. 2003. Construções de voz. In: M.B. Abaurre & A. C. S. Rodrigues (Eds.), *Gramática do Português Falado*. v. VIII: *Novos estudos descritivos*. Campinas: Unicamp, 227-316.
- Carvalho, J. 2016. *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentive*. Dissertação de Doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Cyrino, S. 2007. Construções com SE e promoção de argumento no português brasileiro: Uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*. 6(2): 85-116.
- Duarte, I. 2013. Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In: E.B.P. Raposo, M.F.B. Nascimento, M.A.C. Mota, L. Sugura & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 427-458.
- Galves, C. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas: Unicamp.
- García-Miguel, J. 1995. *Las relaciones gramaticales entre predicado y participantes*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- García-Miguel, J., González Domínguez, Fita & Vaamonde, Gael. 2010. ADESSE, a database with syntactic and semantic annotation of a corpus of Spanish. *Proceedings of the Seventh International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'10)*. Valletta: European Language Resources Association.

Goldberg, A. 1995. *Constructions. A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

Goldberg, A. 2006. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.

Hothorn, T., Hornik, K. & Zeileis, A. 2006. Unbiased recursive partitioning: A conditional inference framework. *Journal of Computational and Graphical Statistics*. 15(3): 651-674.

Hothorn, T. & Zeileis, A. 2015. partykit: A modular toolkit for recursive partytioning in R. *Journal of Machine Learning Research*. 16: 3905-3909.

Kemmer, S. 1993. *The middle voice*. Amsterdam: John Benjamins.

Langacker, R. W. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar. Vol. 1: Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.

Langacker, R. W. 1990. *Concept, image and symbol. The cognitive basis of grammar*. Berlin: De Gruyter.

Langacker, R. W. 1991. *Foundations of Cognitive Grammar. Vol. 2: Descriptive application*. Stanford: Stanford University Press.

Langacker, R. W. 2008. *Cognitive Grammar. A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Maldonado, R. 1999. *A Média Voz. Problemas conceptuales del clítico SE*. México: UNAM.

Maldonado, R. 2007. Grammatical voice in Cognitive Grammar. In: D. Geeraerts & H. Cuyckens (Eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 829-868.

Medina, M. 2004. *Acabou-se o que era doce. La supervivência del marcador medio en português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidad Autónoma de Querétaro.

Negrão, E. & Viotti, E. 2008. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: J. L. Fiorin & M. Petter (Eds.), *África no Brasil. A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 171-203.

Negrão, E. & Viotti, E. 2011. A ergativização do português brasileiro: Uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: D. da Hora & E. Negrão (Eds.), *Estudos da linguagem. Casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 37-61.

Negrão, E. & Viotti, E. 2015. Elementos para a investigação da semântica do clítico SE no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 57(1): 41-59.

Nunes, J. 1995. Ainda o famigerado se. *DELTA*. 2(2): 201-240.

R Core Team. 2019. *R: A language and environment for statistical computing*. R

Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. <https://www.R-project.org/>.

Pereira, D. 2007. *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista*. Dissertação de Doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Silva, A. S. 2008. Perspectivação conceptual e gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*. 12(1): 17-44.

Silva, A. S. 2014. The pluricentricity of Portuguese: A sociolectometrical approach to divergence between European and Brazilian Portuguese. In: A. S. Silva (Ed.), *Pluricentricity: Language variation and sociocognitive dimensions*. Berlin: De Gruyter, 143–188.

Silva, A. S. 2016. The cognitive approach to pluricentric languages and the pluricentricity of Portuguese: What's really new? In: R. Muhr (Ed.), *Pluricentric languages and non-dominant varieties worldwide. Part II: The pluricentricity of Portuguese and Spanish. New concepts and descriptions*. Frankfurt a.M: Peter Lang, 13-34.

Silva, A. S. 2018. Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições. In: Díaz, M., Vaamonde, G., Varela, A., Cabeza, M. C., García-Miguel, J.-M. & Ramallo, F. (Eds.), *Actas do XIII Congresso Internacional de Lingüística Xeral*. Vigo: Universidade de Vigo, 838-845.

Silva, A. S. 2019. Gramática, cognição e sociedade: para uma gramática de significados, usos e variações. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*. 5: 17-32.

Silva, A. S. 2020. Portuguese: Normative grammars. In: F. Lebsanft & F. Tracke (Eds.), *Manual of Standardization in the Romance languages*. Berlin: De Gruyter, 679–700.

Silva, A. S., Afonso, S., Palú, D. & Karlien, F. 2021. Null se constructions in Brazilian and European Portuguese: Morphosyntactic deletion or emergence of new constructions? *Cognitive Linguistics*. 32 (1): 159–193.

Silva, A. S. & Batoréo, H. 2010. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: A. M. Brito (Ed.), *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Porto: Fundação Universidade do Porto, 229-251.

Strobl, C., Malley, J. & Tuts, G. 2009. An introduction to recursive partitioning: Rationale, application, and characteristics of classification and regression trees, bagging and random forests. *Psychological Methods*. 14(4): 323-348.

Tagliamonte, S. A. & Baayen, R. H. 2012. Models, forests, and trees of York English: Was/were variation as a case study for statistical practice. *Language Variation and Change*. 24(2): 135-178.

Traugott, E. C. & Trousdale, G. 2013. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.